



Comunicação, Saúde e Educação Popular de Jovens em Livramento¹

Lohaine Barbosa LOHMANN²

Benedito Dielcio MOREIRA³

Maria Angélica SPINELLI⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar as diferentes formas de interação de crianças e adolescentes com idade entre 12 a 18 anos do município de Nossa Senhora do Livramento, distante 32km de Cuiabá, com os atores midiáticos, com a saúde e com os pais. O estudo faz parte do projeto “Comunicação Social e Educação Popular de Jovens: um desafio para o SUS”. O artigo em questão visa também entender como os temas mídia e saúde entram na rotina das famílias, com quem os jovens falam sobre isso e como se dá a interação dos jovens do município de Livramento com a comunicação e saúde e as oficinas realizadas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; saúde; jovens; mídia

O Município de Nossa Senhora do Livramento

O projeto de pesquisa “Comunicação Social e Educação Popular de Jovens: Um desafio para o SUS” foi desenvolvido em parceria pelo Núcleo de Desenvolvimento em Saúde (NDS), do Instituto de Saúde Coletiva, e pelo Núcleo de Estudos em Comunicação, Infância e Juventude (Necojj), do Departamento de Comunicação Social, ambos da UFMT, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat). Tem como objetivo entender como se dão as trocas comunicacionais entre os profissionais de saúde e os jovens do município de Nossa Senhora do Livramento e do bairro Canjica, localizados na cidade de Cuiabá. O projeto procura compreender também a percepção da comunidade e dos jovens sobre temas relevantes veiculados no sistema mediático, na perspectiva da interação entre saberes, capacitação

¹ Trabalho apresentado no **IJ06 - Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Autora. Aluna do 5º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Radialismo do IL-UFMT, email: lohh.lohmann@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor doutor do Curso de Comunicação Social do IL-UFMT, email: dielcio@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Saúde Coletiva – ISC-UFMT. Email: angelicaspinelli@gmail.com



e articulação entre grupos e fortalecimento dos princípios da Educação Popular em Saúde.

Nossa Senhora do Livramento está inserida na região conhecida hoje por Baixada Cuiabana. A cidade possui características peculiares e um rico acervo histórico da cultura de Mato Grosso. Principalmente porque Livramento é um dos municípios mais antigos do Estado e tem uma cultura muito própria. A região de Livramento foi habitada originalmente pelo povo indígena denominado “beripoconé”. No século XVIII, dois sorocabanos, Antonio Aires e Damião Rodrigues, deixaram Cuiabá, atravessaram o rio e aproximadamente 30km depois descobriram ouro à margem do ribeirão chamado Cocais. Com a notícia da descoberta do ouro, sertanistas e aventureiros passaram a se instalar nas margens do córrego Cocais, que foi o berço de nascimento do atual município de Nossa Senhora do Livramento. Grande parte da história de Livramento se perdeu em 1930, quando o interventor Armênio de Moraes queimou todos os documentos e livros antigos da Prefeitura, argumentando que dali em diante “começaria uma vida nova para o município”.

A Lei Provincial criou o Distrito de Livramento no dia 21 de agosto de 1835. A elevação a município se deu em 1883, pertencendo a Zona fisiográfica do Pantanal, Nossa Senhora do Livramento se limita com, Barão de Melgaço, Santo Antônio de Leverger, Poconé, Várzea Grande, Jangada, Rosário Oeste, Porto Estrela e Cáceres. O município tem uma área de 5.315 Km², altitude de 171m, localizada a 32 quilômetros de Cuiabá na rodovia que liga a Capital de Mato Grosso Cuiabá à Poconé e ao Pantanal Matogrossense.

O último levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, apontou uma população de 11.609 habitantes (densidade demográfica de 2,1 hab/km²). A população livramentense é jovem (a maior parcela tem idades entre cinco e 29 anos) e com predominância de moradores na área rural (63,5% ou 7.367).

Segundo o mapa das desigualdades sociais do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Nossa Senhora do Livramento possui um dos piores IDH's (Índice de Desenvolvimento Humano) de Mato Grosso, com o número de 0,655. Contrastando com os melhores índices do Estado que ultrapassam 0,800. A economia baseia-se na pecuária (cria, cria e corte) e extrativismo vegetal. A agricultura é basicamente de subsistência. A estrutura de saúde está voltada ao atendimento básico, com um hospital para urgência e emergência. Conta com três equipes de saúde família e duas equipes de saúde bucal, atuando em área urbana e que cobre 80% da população do



município. Um posto do Programa de Saúde da Família, que agrega três Unidades de Saúde da Família, atende aos moradores.

A rede de ensino existente no município é pública e não há nenhuma instituição de ensino superior. O nível de escolaridade em geral não ultrapassa o ensino médio. O que não impede de encontrar tanto na zona urbana, quanto rural, pessoas analfabetas. Contudo os jovens participantes da pesquisa e do projeto se mostraram interessados em continuar os estudos, mesmo se isso implicar em ter de deixar a cidade.

Comunicação e Saúde

O objetivo de quem estuda, faz e fala de comunicação no contexto da saúde é compreender a mesma como um processo social complexo, indo além da dimensão biológica que envolve a saúde (ARAÚJO, CARDOSO, LERNER, p. 79, 2007).

A interface Comunicação/Saúde inicia-se no Brasil, com a Reforma Carlos Chagas, que criou o Departamento de Saúde Pública em 1920 (ARAÚJO, CARDOSO, LERNER, p. 80, 2007).

A participação comunitária e a educação e comunicação para a saúde é um conceito que será o centro da prática teórica e política de muitos críticos. Rodrigues afirma que a educação em saúde sendo bem planejada, orientada e executada, será um dos mais importantes elementos em qualquer programa de saúde pública (RODRIGUES, 1979). Para que seja ainda mais eficaz, é indispensável a participação da comunidade a que se destina. É indispensável também as técnicas educacionais e de comunicação social (PITTA, 1994).

O acesso à informação tem se constituído em um direito e se tornado fundamental em diversas áreas da atuação do ser humano. Também amplia essa interface entre comunicação e saúde. Na área da saúde, esse é um tema que provoca tensões e muito debate, principalmente pela divergência de interesses entre o paciente, buscando a resolução de seu problema, e o profissional da saúde, preso às normas, aos procedimentos e à sua rotina na instituição (Surbone e Lowenstein, 2003).

A comunicação, informação e educação não são domínios distintos do conhecimento de cada área (ARAÚJO, CARDOSO, LERNER, p. 80, 2007), por esse motivo a comunicação tem papel fundamental na educação em saúde. A educação em saúde não pode ser um processo vertical. Deve ser problematizada e horizontal para que tenha a adesão de seu público, nesse sentido Bordenave e Carvalho afirmam que:



A informação veiculada verticalmente sempre será domesticadora. Não necessita participação, é manipulativa e geradora de depósitos de conteúdos, e jamais de problematizações que encaminhem à reflexão crítica. Daí não haver verdadeira comunicação entre opressores e oprimidos (BORDENAVE e CARVALHO, 1979, p. 221-222 *apud* NATANSOHN).

A verticalização da educação foi criticada por Paulo Freire, que defende o diálogo entre interlocutores para a construção do conhecimento (FREIRE, p. 78, 2005). E também por Martin-Barbero, que afirma:

Entre emissores-dominantes e receptores-dominados não haveria nenhuma sedução nem resistência, só a passividade do consumo e a alienação decifrada na imanência de uma mensagem-texto pela qual não passavam os conflitos, nem as contradições e, menos ainda, as lutas (MARTIN-BARBERO, 2006).

Nas últimas décadas do século XX, a interface Comunicação/Saúde passou por um processo de discussão e problematização por parte de centros de pesquisa e Universidades, onde ganhou o interesse da comunidade científica. São exemplos desse interesse:

(...) a formação de um Grupo de Trabalho vinculado à Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), um curso de pós-graduação em comunicação e saúde (...) oficinas e cursos de curta duração, participação em fóruns científicos e acadêmicos das áreas da saúde e da comunicação (entre estes, Compós, Intercom e Alaic), a luta (bem-sucedida) pelo reconhecimento e inclusão do tema nas Conferências Nacionais de Saúde (CNS) e a realização de pesquisas e investimento em estudos pós-graduados, com forte aproximação com os centros universitários da comunicação. Por fim, o que consideramos um significativo reconhecimento da legitimidade desse campo em pleno processo de fortalecimento, foram abertos editais de pesquisa dos órgãos de fomento científico, com linhas de financiamento voltadas para o tema. Paralela e progressivamente, os cursos de comunicação foram acolhendo e valorizando pesquisas de mestrado e doutorado que tinham como objeto a saúde, enquanto cursos da área biomédica foram incluindo módulos ou disciplinas de comunicação em suas grades curriculares. Instituições de ensino de um campo e outro abriram cursos



de pós-graduação *lato sensu* em comunicação e saúde
(ARAÚJO, CARDOSO, LERNER, p. 80, 2007).

Com o desenvolvimento tecnológico, a comunicação torna-se de extrema importância na sociedade contemporânea em todo o mundo. Porém, na área da saúde pública brasileira é preciso superar a visão instrumental e simplista da comunicação como um processo de transmissão de informações de um emissor a um receptor, um modelo que não dá a devida importância ao restante do processo, como a circulação das mensagens e suas apropriações pelos diferentes atores envolvidos. A comunicação se afirma como elemento essencial para a promoção da saúde, ao funcionar como uma área estratégica para interação e troca de informações entre as instituições, comunidades e indivíduos. Essa troca deve acontecer de forma contínua no lar, na escola, no ambiente de trabalho e em muitos outros espaços coletivos. (CANCER, Revista Rede, 2007, p 17).

Interação dos jovens com os atores midiáticos e com os pais

Foi possível perceber que em Livramento existem jovens que compreendem e são adeptos à cultura tecnológica e jovens que estão totalmente distantes dessa realidade, distantes tanto das novas tecnologias quanto das mais antigas, como a leitura e escrita (MOREIRA, SPINELLI, 2012). Para Novaes, à pergunta quem é jovem, surgem respostas cujos embates “refletem disputas no campo político, no campo econômico e também entre gerações” (NOVAES, 2003, p.121).

Mesmo a cidade sendo próxima à capital do Estado, confronta-se a individualização proporcionada pelo consumo dos meios de comunicação e das novas tecnologias e a socialização proporcionada pela vida.

Para compreender como se dá a relação dos jovens com os pais, foi realizado um *survey* com os pais dos jovens do município de Nossa Senhora do Livramento. Foram aplicados 88 questionários com pais pertencentes a uma Unidade de Saúde da Família (USF), com filhos entre 12 e 18 anos. Entre os objetivos, está entender como os temas mídia e saúde se inserem na rotina das famílias, com quem os jovens falam sobre isso e a interação deles com os pais. Dos questionários aplicados às famílias, 68 foram respondidos por mães. Os pais tiveram uma participação pequena, com somente 18 respondentes. Os padrastos responderam dois questionários e entre as famílias não houve nenhuma madrasta.



A família é um sistema complexo de relações, onde seus membros compartilham de um mesmo contexto social e de um sentimento de pertencimento. “A família é o lugar do reconhecimento da diferença, do aprendizado, do unir-se e do separar-se, a sede das trocas afetivo-emocionais, da construção da identidade” (CASTILHO, 2003). São diferentes as estruturas e dinâmicas familiares entre as classes sociais, desde as condições sociais e econômicas, as estratégias de sobrevivência e de reprodução da vida (OLIVEIRA e BASTOS, 2000).

Os pais respondentes dos questionários comentam sobre os temas e notícias que são divulgados nas mídias, principalmente com o esposo/esposa. São 49 os que responderam que comentam esses assuntos com seus parceiros. Para 44 pais, é com os filhos que eles conversam sobre os assuntos que estão na mídia. Saindo do ambiente familiar, 26 respondentes falam sobre notícias atuais com colegas e amigos; outros 26 falam com vizinhos; sete responderam que comentam no ambiente de trabalho; quatro respondentes afirmaram que não comentam sobre os assuntos que estão na mídia; três comentam em outros lugares e com outras pessoas e dois pais não responderam essa questão. Violência e notícias divulgadas em jornais locais e nacionais são os principais assuntos comentados.

Os assuntos foram comentados na sua grande maioria por chamarem a atenção dos pais. Foram 31 que responderam essa opção; 23 não responderam esta questão; 20 pais julgaram os assuntos chocantes e, por isso, comentaram com amigos e família; 15 fizeram isso por precaução, a fim de ajudar as pessoas e alertar os amigos; 12 respondentes comentaram aquilo que achavam ser perigoso; e nove comentaram assuntos que estavam relacionados à morte. Portanto, os assuntos comentados tanto no ambiente familiar quanto com os amigos são aquelas notícias que mais tem destaque nas mídias. Quanto menos divulgado for o assunto, menos comentam sobre ele.

Assim como os pais comentam sobre o que está na mídia com os filhos, os jovens também comentam sobre esses assuntos com os pais. Em Livramento, os pais responderam que 57 crianças e jovens da casa comentam com eles os assuntos que estão em alta na mídia. Em contra partida, 29 pais responderam que os filhos não comentam os assuntos que assistem na TV, ou que leem em jornais, em casa; dois não responderam.

Percebe-se que ainda é grande o número de jovens que não conversam com os pais sobre o que veem nos jornais e outros meios de comunicação. Os jovens de Nossa Senhora do Livramento mostram uma relação distante com os pais e com os meios de



comunicação quando o assunto é relacionado àquilo que está na mídia e principalmente quando é relacionado à saúde. A saúde só é comentada no ambiente familiar, tanto pelos pais quanto pelos jovens, quando há essa necessidade. São poucos pais e adolescentes que tratam o tema da saúde como uma forma de vida, de prevenção e de bem estar. Ela só se torna assunto quando é doença e vista risco.

O jovem enquanto indivíduo singular tem a expressão de sua individualidade marcada por suas características pessoais. Mas a realização desta individualidade se dá por força do grupo social que o circunda (ELIAS, 1994). Portanto, compreender os jovens e a sua relação com as estruturas governamentais de saúde não pode estar dissociado da relação que os jovens estabelecem com as mídias e os atores midiáticos que cultuam. (MOREIRA, SPINELLI, 2012)

Os Jovens, a comunicação e a saúde.

É de extrema importância que os jovens discutam e façam comunicação. É no momento em que eles deixam de ser consumidores e passam a ser produtores de comunicação que percebem a importância e a mudança de percepção de mundo. (FREITAS, 2007). Quando os jovens fazem comunicação, eles encontram nela uma possibilidade de trazerem para a população e para o conhecimento público, seus conteúdos, olhares e questões. Isso se torna ainda mais eficaz no momento em que vivemos. (FREITAS, 2007). Momento esse em que a sociedade brasileira começa a discutir políticas de juventude e a identificar sujeitos juvenis. (FREITAS, 2007).

A ponte para o jovem de Nossa Senhora do Livramento compreender e fazer comunicação foi feita por meio de oficinas, realizadas no município, de criação e produção de conteúdo sobre saúde e comunicação. As oficinas são: Blog, Rádio, Vídeo, Fotografia, Propaganda e Jornal. Essas oficinas foram ministradas por alunos e professores da UFMT. Os jovens de Livramento passaram então, depois de várias etapas de pesquisa, a produzir comunicação.

Nessa experiência de produzir comunicação, os jovens percebem como é configurado esse mundo, quem tem acesso, quem produz, para quem e porquê é necessário buscar mudanças. Através de oficinas mostra-se aos jovens como a comunicação é construída e as suas intencionalidades (FREITAS, 2007).

As oficinas feitas em Nossa Senhora do Livramento tiveram resultados satisfatórios. Os jovens produziram: matérias para jornal; vídeos; fotos; cartazes de propaganda; programa de rádio e blogs. Apesar da grande maioria dos jovens



participantes das oficinas não terem nenhum contato com tecnologias, câmeras e equipamentos, mostraram uma facilidade muito grande e rapidez na hora de aprender a manusear tais aparatos tecnológicos.

Um dos principais materiais criados pelos jovens foi o jornal impresso. Na oficina em questão, foi ensinado aos jovens alguns conceitos jornalísticos para que ao fim da oficina os próprios jovens produzissem o conteúdo e as matérias que iriam para o jornal. A oficina de jornal era voltada para duas questões: a primeira era apresentar para os alunos o que é e como se faz o jornalismo. E a segunda, aproveitando a exposição do fazer jornalístico, fomentar para o dia-a-dia desses jovens a preocupação sobre questões voltadas para a saúde.

A oficina de fotografia foi de extrema importância para a realização do jornal. As fotos que fizeram parte do produto final foram tiradas pelos próprios alunos. Com fotos, assuntos e matérias produzidas pelos próprios jovens, o jornal impresso abordou temas que envolviam a saúde como alimentação, exercícios físicos, depressão, álcool e outras drogas, obesidade, sexualidade, meio ambiente, falta de médicos, atendimentos e instalações precárias, entre outros.

O grupo de pesquisa conseguiu finalizar suas atividades na cidade de Nossa Senhora do Livramento. Foram as atividades realizadas desde o início do processo: aplicação dos questionários com as famílias; entrevistas e seminários com os profissionais de saúde; grupo focal com os jovens; realização de todas as oficinas e a produção de conteúdo feito pelos jovens; e o material final foi divulgado para toda a comunidade, jovens, pais e agentes de saúde juntamente com um jornal impresso feito pelos adolescentes durante a oficina.

No primeiro contato que tivemos com os jovens eles se mostraram retraídos e tímidos, evitando falar e expor suas opiniões sobre o tema proposto. Porém no decorrer das atividades elas foram se mostrando mais soltas e as oficinas tiveram bastante sucesso. A oficina que mais obteve jovens inscritos foi o blog na qual particularmente tive a chance (além da oficina de rádio) de auxiliar em uma das vezes das duas vezes em que fomos aplicar as oficinas no em Livramento.

O encerramento das atividades no local ocorreu em dezembro de 2011. Cerca 100 pessoas, entre jovens, agentes de saúde, pais e professores participaram do evento. Apresentamos aos jovens o que foi produzido. Uma peça de teatro apresentada por alunos da UFMT abriu o encontro e em seguida foi apresentado e distribuído o jornal impresso “Saúde Teen”, produzido nas oficinas pelos alunos.



No município de Livramento nos deparamos com uma realidade marcada por jovens de origem humilde e com pouco ou nenhum contato, com as novas tecnologias, fato oposto ao que acontece com a maioria dos adolescentes hoje em dia. Mesmo assim, durante as oficinas, foi notável o interesse e a facilidade com que os jovens têm em manusear os aparelhos tecnológicos. Instrumentos como filmadora, câmera fotográfica e computador foram facilmente usados pelos jovens, apesar da falta de contato com esses tipos de aparatos tecnológicos.

A comunicação talvez seja o espaço em que mais rapidamente eles podem se ver como autores e sujeitos. Além disso, geralmente, as atividades de comunicação são coletivas, então, têm uma dimensão forte da sociabilidade, que é fundamental para os jovens (FREITAS, 2007).

Desde o início da pesquisa, das leituras do referencial teórico às experiências em campo com os jovens, com as famílias e com os profissionais de saúde, foi possível notar que os conteúdos sobre saúde veiculados pela mídia não conseguem cativar o interesse dos jovens. Isso se deve a complexidade da faixa etária e da realidade vivida, principalmente pelos adolescentes mais humildes, que não é considerada na elaboração dos conteúdos midiáticos.

Quanto à temática saúde, notou-se que os jovens recebem pouca informação sobre o tema, também não costumam ter a saúde como pauta de discussões, seja na família ou na escola. Os jovens só procuram o posto de saúde ou conversam com os pais quando precisam, ou seja, quando estão doentes. A saúde é tratada como doença e não como uma forma de bem-estar pra ser aplicado ao dia a dia.

Durante as oficinas, quando fomentado o debate inicial sobre saúde, as opiniões foram surgindo e os jovens mostraram interesse, principalmente por temas como sexualidade, drogas e gravidez.

A comunicação funciona como um espaço em que, depois de viver a condição de filho, aluno e aprendiz, o jovem pode ter alguma autonomia. É um terreno menos “regulado” no qual ele pode se tornar “adulto”, no sentido de que se coloca de uma forma autônoma no mundo. (FREITAS, 2007).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inesita soares de; CARDOSO, Janine Miranda; LERNER, Kátia. Comunicação e Saúde: **um olhar e uma prática de pesquisa**. *ECO-PÓS*- v.10, n.1, janeiro-julho 2007
- RODRIGUES, B. A. **Fundamentos da administração sanitária**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1967 apud PITTA, A. M. R. (Org.). **Saúde & comunicação**. Visibilidades e silêncios. São Paulo: Hucitec: Abrasco, 1995.



PITTA, Áurea Maria da Rocha. Comunicação e Saúde: **A Complexidade dos Conceitos e o Desafio das Práticas**. Informação e comunicação social em saúde. Brasília, Fundação Kellogg/Projeto UNI/FAPEX/OPAS, 1995.

BORDENAVE, Juan. D.; CARVALHO, H. M. **Comunicação e Planejamento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

MARTÍN-BARBERO. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Editora UFRJ, 4ª ed. Rio de Janeiro, 2006.

CANCER, Revista Rede, 2007, p 17).

MOREIRA, Benedito Dielcio; SPINELLI, Maria Angélica dos Santos. **Juventude, saúde e mídias: sempre um desafio**. Artigo apresentado no Seminário Internacional Juventudes na Contemporaneidade, na UFG. Goiânia-GO. 2012.

NOVAES, Regina (2003). **Juventude, Exclusão e Inclusão Social**: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virginia de; PAPA, Fernanda de Carvalho. Políticas Públicas: juventude em pauta (Orgs). São Paulo: Cortez, p.121-141

CASTILHO, T. Painel: **Família e Relacionamento de gerações**. Congresso Internacional Coeducação de Gerações. São Paulo, SESC, 2003

OLIVEIRA, M.L.S. & BASTOS, A.CCS. **Práticas de atenção à saúde no contexto familiar**: um estudo comparativo de casos. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre vol.13, n.1, 2000

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Organizado por Michael Schröter. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994

FREITAS, Maria Virgínia. **Juventudo e Comunicação**. Observatório do Direito à Comunicação, 2007

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recenseamento da População Brasileira. Rio de Janeiro, 2010